

Éis a grande invenção da internet. A inimaginável fusão do boteco, ponto de discussões filosóficas e nascedouro das soluções para todos os problemas políticos, econômicos e sociais do mundo, com o hospício, torna da mais pura sinceridade, livre das convenções, amarras e obrigações sociais. Coerências ou devaneios, tudo vale. Tudo é possível. Portanto, seja bem-vindo! Entre, sente, tire a camisa de força e tome mais um gole, sem pressa para pedir a saideira.

A Sociedade do Espetáculo

maio 02, 2008



Fotomontagem: glauberjatobá

Simone Tuzzo*

A sociedade sempre se preocupou com aquilo que acontece na casa do vizinho. Em determinados tempos, ao longo da história e variando entre classe social, credo e cultura, as pessoas conseguem se manter ora mais ou ora menos discretas na forma como expressam sua curiosidade acerca daquilo que diz respeito à vida alheia.

Mas foi a partir do surgimento da mídia que a sociedade passou a se interessar de forma grotesca com a privacidade do outro. As pessoas mudaram? Provavelmente não. O que mudou foi o acesso, a ênfase, a facilidade e os interesses econômicos e de audiência dos veículos de comunicação ao explorar assuntos que não representam o interesse social, mas sim a fofoca, a vida real transformada em novela, o espetáculo.

O caso **Isabella Nardoni** choca, mas não é somente por se tratar de um crime bárbaro. Se de fato o ato de uma menina ser assassinada pelos pais fosse o bastante para impressionar toda uma nação, poderíamos questionar por que até hoje nunca se deu tanta importância aos diversos acontecimentos diários de situações bem similares, envolvendo pais, irmãos, tios, pessoas de laços sanguíneos em crimes, atos de violência, seqüestros, torturas, estupros.

O caso **Isabella** choca muito mais pelo que a Indústria Midiática conseguiu transformar a história, narrada diariamente em capítulos, com atores, luzes, câmeras, cenário, enfim, ingredientes típicos de produções de teledramaturgia. No melhor estilo "Quem matou Odete Roitman?", a dúvida que tirou o sono de milhões de brasileiros no final da década de 80, quando a novela da Globo Vale Tudo movimentou o Brasil. A mesma legião de Brasileiros também se diz perturbada e aguardando o último capítulo de uma novela que irá revelar: "Quem matou **Isabella Nardoni**?"

Numa demonstração clássica do que a mídia consegue incutir na cabeça das pessoas, os brasileiros estão preocupados com o caso **Isabella** como se ela fizesse parte de cada família, assim como a mídia faz com as celebridades. Rotineiramente, é comum sabermos mais da vida dos artistas do que da vida das pessoas que estão fisicamente bem mais próximas de nós. Da mesma forma, saber de **Isabella** tornou-se mais importante do que saber do desempenho do filho na escola, do dia atarefado do marido ou da esposa no trabalho, pois quando se chega em casa a prioridade é ligar a televisão para saber a novidade do caso.

A construção biográfica ganha uma dimensão fundamental no mundo contemporâneo e é comum vermos a narrativa de biografias de celebridades como **Lady Diana** ou **Ayrton Senna**, que emprestaram para os veículos de comunicação de massa sua história, sua privacidade e o último capítulo trágico da morte.

Numa previsível evolução do caso, as narrativas biográficas veiculadas na mídia ganham um ar de autoria coletiva. Jornalistas, fotógrafos, redatores, revisores, chargistas e cinegrafistas são responsáveis por narrar a vida dos protagonistas dos meios de comunicação de massa, mais que isso, não conformados somente com o poder de contar todo o seu passado, os narradores assumem também o papel de videntes e passam a narrar as futuras ações do protagonista, caso a morte não o tivesse tirado de cena. **Isabella Nardoni** teria sido médica, advogada, jornalista ou modelo? Vamos especular...

Aliás, a especulação tornou-se um ingrediente necessário para que um caso que não tem ações diárias pudesse se manter 24 horas no ar. Num similaridade ao **Truman Show** – a narrativa de cinema em que um homem tem sua vida inteira transmitida ao vivo, 24 horas por dia via satélite –, também passamos a vivenciar o **Isabella Show** brasileiro, num espetáculo ininterrupto, basta ligar a TV.

Ironicamente, uma televisão que de tanto explorar o caso se tornou seu refém e, ainda que quisesse, não pode parar o show, pois os telespectadores cobram dela a apresentação do último capítulo. E será o fim? Claro que não. Outro caso-verdade será adotado e, na mais fiel réplica do formato de teledramaturgia, o primeiro capítulo será apresentado para a sociedade que se apaixonará pelo novo enredo e, em breve, não se lembrará mais da paixão ardente por **Isabella Nardoni**.

* Simone Tuzzo é Doutora em Comunicação, docente e assessora de Comunicação da Universidade Tiradentes – Unifit.